





HÁ 70 ANOS, RUFA O BATUQUE*

José Arthur Bogéa

(...)A premissa de Ítalo Calvino de que um texto literário deve ser lido pelos “cinco sentidos” já se manifesta no poema introdutório “Batuque”: o olhar – “Roupas de renda a lua lava no terreiro”; a audição - “E o batuque batendo e a cantiga cantando”; o paladar, por associação - “Ventres empinam-se no arrojo da umbigada” e, a predominância do olfato - “Um cheiro forte (...) vem da floresta e entra nos corpos em requiebro”.

Olhar, audição, paladar, tato e olfato, mesclados de sensualidade, que convergem para a estrofe final e se traduzem no vórtice da dança – “É rola e ronda e ginga e tomba e funga e samba / a onda que afunda na cadência sensual / o batuque rebate rufando banzeiros / as carnes retremem na dança carnal!!!...”.

Há um jogo de claro-escuro em “Alma e Ritmo da Raça” que reforça essa sensualidade, desde o primeiro verso: “A luz morde a pele de sombra e os cabelos/lustrosos quebrados da cor sem razão”; “A luz tatuou a nudez de baunilha” e se desdobra em “sóis de jarina”. Este jogo de claro-escuro coloca Bruno à frente de seu tempo, para esse momento (in)definido que se convencionou chamar de pós-moderno entre outras terminologias, de neo-barroco.

* Publicado originariamente na 7ª. Edição de *BATUQUE*, 2005

(...) Em “Chorinho”, Bruno atinge o momento maior do fazer poético. Os versos mais bonitos da literatura paraense aí estão presentes: “E vão por este mundão que se chama Saudade/ e começa e termina numa esquina da rua”. Mais próximos a estes versos, só os de “Tambatajá” de Waldemar Henrique. “Chorinho” poderia se nomear de pequeno concerto para violão, flauta e cavaquinho, fluído, pura evanescência, é um momento de devaneio em meio ao “BATUQUE”. Aliás, Waldemar Henrique musicou este poema, ou melhor, traduziu para a pauta o que já era música da “madrugada”, para onde se encaminham os acordes que começam “alta noite...”.

(...) Outra proposta de distribuição, o que não implica numa classificação estreita (há sempre a palavra “escorregadia”, confundindo o leitor), pode ser pelos quatro elementos: terra – “Batuque”; água – “Marujada”; ar – “Mastro do Divino”; e fogo – “São João do Folclore e Manjericos”.

(...) Há setenta anos “Rufa o batuque na cadência alucinante/do jongo do samba na onda que banza”. BATUQUE, de Bruno de Menezes, é o único livro de autor paraense que se mantém em evidência, sempre renovada, desde a primeira edição. Criador e criatura(s) atravessam três séculos. O nascimento do poeta, na virada do XIX, em 1893, a publicação da obra no século seguinte, 1931, e esta comemoração, no XXI.